LIMA, Maurício Divino do Nascimento. FERNANDES JÚNIOR, Antônio. "Como modess você me trocou": posicionamento discursivo de sujeito fragilizado em uma composição da banda Mamonas Assassinas. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p. 130-146, 2020. (ISSN: 2317-1006 - online).

"COMO *MODESS* VOCÊ ME TROCOU": *POSICIONAMENTO DISCURSIVO DE SUJEITO FRAGILIZADO EM UMA COMPOSIÇÃO DA BANDA MAMONAS ASSASSINAS*

"COMO MODESS VOCÊ ME TROCOU": A FRAGILE SUBJECT'S DISCURSIVE POSITION IN A MAMONAS ASSASSINAS' LYRICS

Maurício Divino Nascimento Lima[1]
Antônio Fernandes Júnior[2]

Resumo: Este trabalho tem como foco traçar uma análise nos moldes da Análise de Discurso Francesa acerca de uma letra de música composta na década 1990 pela banda *Mamonas Assassinas*. O título da composição é "lá vem o alemão", uma paródia de um pagode romântico de título "lá vem o negão". O *corpus* da análise é povoado por enunciados que questionam regimes de verdades sobre as relações afetivas, tais como a ideia de amor ideal, opondo-se a interesses financeiros dos indivíduos envolvidos. A análise segue o princípio metodológico arquegenealógico, pautado, principalmente, nos estudos de Michel Foucault, com os quais são mobilizados os conceitos de sujeito, discurso, formação discursiva, prática discursiva e dispositivo de poder-saber. E é componente essencial, nesta análise, a compreensão de como o humor funciona como um mecanismo, que serve tanto para a produção de efeitos de sentido quanto para resistir a um poder de verdade colocado sobre os sujeitos. Tecer uma análise desses enunciados é igualmente olhar para a temporalidade-localidade dos discursos ali presentes e problematizar as condições de possibilidade que permitiram sua reprodução.
Palavras-chave: Análise do Discurso; Humor; Sujeito; Mamonas Assassinas.

Abstract: This paper focuses on tracking an analysis along the lines of the French Discourse Analysis on a lyric composed in the 1990s by the band Mamonas Assassinas. The title of the composition is *lá vem o alemão*, a parody of a romantic pagode of title *lá vem o negão*. The analysis corpus is populated by statements that question the regimes of truth about affective relationships, such as the idea of ideal love, as opposed to the financial interests involved. An analysis follows the archegenic methodological principle, mainly in the studies of Michel Foucault, with the concepts of subject, discourse, discursive formation, discursive practice and power-knowledge device that are mobilized. It is an essential component in this analysis to understand how humor works as a mechanism, that serves for the sense effects and to resist a power of truths placed on the subjects. Produce an analysis of these statements is similar to the

[1] Mestre e Doutorando em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Goiás. Membro-pesquisador do Laboratório de Estudos Foucaultianos de Catalão (LEFGO – UFG/CNPq). Contato: mauriciomdt@gmail.com
[2] Professor Doutor em Estudos literários pela FCLar/UNESP. Docente na Graduação e Pós-graduação em Letras na Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão. E-mail: tonyfer@uol.com.br.

temporality-locality of the speeches presents there and to problematize as conditions of possibility that allow their reproduction.
Keywords: Analysis of Discourse; Humor; Subjet; Mamonas Assassinas.

Introdução

As relações afetivas ocupam, há décadas, um local de destaque no que se refere à temática para composição de letras de músicas. As canções sertanejas, por exemplo, possuem, na atualidade, o maior número de enunciados que tratam da fragilidade estrutural dessas relações. São comuns letras veiculadoras de enunciados em que infidelidade, poligamia, desilusão, alcoolismo sejam componentes regulares, sendo que o efeito de sentido, frequentemente, provoca o sujeito a reconhecer a relação como fonte de seus infortúnios.

No entanto, a ordem que permite o funcionamento desses relacionamentos não é criticada apenas pelo gênero sertanejo, tampouco é particularidade de uma vertente romantizada. É possível identificar, em composições humorísticas, uma série de enunciados que impõem resistências aos dispositivos dados pelas convenções das relações conjugais.

Sendo assim, seguindo a perspectiva de análise, em enunciados com discursos de resistência por meio do humor, este artigo tem o objetivo de analisar uma composição da banda *Mamonas Assassinas*: “Lá vem o alemão” [3], tomando por referência a vertente da Análise do Discurso a partir do olhar teórico de Michel Foucault. Pretendemos observar como a repetição de determinados discursos corrobora a ideia de um “lugar de verdade”, pois a reprodução de um já-dito, cujo eixo temático gira em torno de relacionamento e traição, possui uma ligação de “causa e efeito”, produzindo, em determinados sujeitos, um posicionamento discursivo avesso à concepção de que relações íntimas proporcionam experiências saudáveis.

Todavia, tal visão melancólica também pode ser questionada, porque um discurso, quando afirma que namoros ou casamentos tendem à traição ou ao fracasso, pode produzir efeitos de sentido para os sujeitos, que podem se posicionar a partir do lugar da lamentação ou mesmo de desejo de vingança. Por sua vez, há o discurso que

[3] Letra disponível no anexo.

diz que, se a estrutura das relações afetivas é naturalmente instável, não a melancolia, e sim o humor, é o desfecho óbvio.

Dito isso, a descrição dos enunciados em questão pede que se discutam conceitos como formação discursiva, sujeito e dispositivo de poder-saber. No entanto, é também necessário que se enxergue o relacionamento afetivo como uma prática discursiva, e o humor como peça estrutural no efeito de sentido desses enunciados. A perspectiva de análise discursiva de Michel Foucault permite que se lance um olhar sobre os posicionamentos discursivos do sujeito nesses enunciados, além da percepção de como deboche e ironia operam na desconstrução de valores pré-estabelecidos sobre a intensidade dos relacionamentos conjugais.

Discurso e sujeito: relacionamento amoroso como exercício de poder

Para analisar os discursos que permeiam os enunciados em questão, é preciso que se faça um trajeto pelo arcabouço teórico da AD, fugindo ao óbvio, buscando uma compreensão histórico-discursiva dessa manifestação. Dessa maneira, compreende-se que, para Foucault (2014a, p. 9-10), discurso é uma rede de enunciados ligada a vários campos de saber, ligada a dispositivos que delimitam/determinam distintos modos de ser. Está além da materialidade linguística, está na ordem daquilo que determina o que pode e o que não pode ser dito. Nessa linha de pensamento, concebemos o discurso como algo que não se prende às categorias exclusivamente linguísticas.

Há um conjunto de saberes que ditam que o amor é uma verdade para o sujeito moderno, tanto que ele deve procurá-lo. É um mecanismo que funciona tão bem a ponto de o sujeito aceitar a ideia de que não há felicidade fora desse mecanismo, dentro do qual se deve encontrar um parceiro para um relacionamento íntimo e duradouro. Essa estratégia de controle está ligada à formação discursiva cristã, na qual há um rito normativo a ditar que o homem deve se unir a uma mulher para juntos formarem uma família, construída sobre os alicerces do discurso de fidelidade conjugal.

Nesse sentido, ao falar de formação discursiva, observa-se que Foucault (2014) a define como um conjunto de regras não fundadoras do discurso, mas permite que um

conjunto de enunciados se mantenha com a mesma regularidade, inscrevendo o sujeito em um local de pertencimento. Veja-se:

> Entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva*. (FOUCAULT, 2014, p. 47) (Grifos do autor).

Nesse aspecto, sobre os relacionamentos íntimos, é possível dizer que a formação discursiva cristã delimita que um sujeito, inscrito nesse discurso, deve acreditar em Deus, encontrar uma relação heterossexual, ter apenas uma parceira, casar-se, ter filhos e manter-se fiel ao casamento. E, uma vez exposto o conceito de formação discursiva, é possível aprofundar ainda mais na definição de discurso. Assim, percebe-se que, segundo Foucault (2014, p. 143), discurso é:

> um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; ele não forma uma unidade retórica ou formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar (e explicar, se for o caso) na história; é constituído de número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência.

Dito isso, na composição “lá vem alemão”, é possível perceber certas regularidades, das quais se pode ver a inscrição do sujeito em determinados discursos, a saber: a) discurso cristão, no qual homem e mulher devem se unir, “Só de pensar que nós dois éramos dois,/ Eu o feijão, você o arroz, temperados/ com Sazón”; b) romântico, que salienta a sensibilidade afetiva dos sujeitos, e o sofrimento é abordado como uma consequência do ato de manter uma relação amorosa, “O amor é uma faca e dois legumes,/ a luz anal de um vagalume que ilumina/ o meu sofrer”; c) Discurso machista, pois é perceptível, nos enunciados, um posicionamento que apresenta a mulher como responsável pelo fim da relação amorosa, normalmente, um desfecho mal sucedido para o homem, devido à traição feminina, “Dando bola para um alemão/ [...] eu mexendo nos ‘fusível’, nem vi quando/ você me deixou”; por fim, d) a presença de um discurso consumista, tratando o desejo de consumo com um regime de verdade tão normativo

quanto à necessidade de manter uma relação afetiva, “Só de lembrar nós na Kombi no Domingo/ [...] O alemão de carro conversível”.

Nesse contexto, é imprescindível dizer que, se há discursos delimitando as formas como o sujeito age e se posiciona, então, é preciso que as relações afetivas sejam concebidas, não apenas como fenômenos sociais, mas também práticas discursivas, pois suas condições de existência estão fortemente ligadas também às condições de existência desses discursos. Dessa forma, percebe-se que, embora a necessidade de um ser humano se relacionar com outro indivíduo seja um fato biológico, a forma como um sujeito interage é dada discursiva e historicamente, uma vez que há sociedades poligâmicas, ou em que o casamento é decido por meio de acordos financeiros, sem necessidade de afeto. O relacionamento em “lá vem alemão” é constituído histórico-discursivamente em uma sociedade judaico-cristã heteronormativa e consumista.

Por essa via, entende-se, de acordo com Foucault (2014, p. 144), que prática discursiva

> é um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa.

Assim, as formas como o romantismo e os papéis discursivos são vistos para homem e mulher é que ditam o modo como um relacionamento amoroso deve ser conduzido. Nesse aspecto, se infidelidade e sofrimento são atos regulares dentro dessa prática, eles não se constituem como um desvio à norma, e sim como a norma. Em outras palavras, embora o discurso cristão determine que o sujeito deva buscar uma relação monogâmica, hétero e sem conflitos, o sujeito moderno é levado, segundo as condições de existências de outros discursos, como consumista e romântico, a trair e sofrer, ou a ser traído e igualmente sofrer.

Daí vem o humor, pois trair e sofrer não fazem mais parte da transgressão, são a norma, eis o deboche de “lá vem o alemão” às regularidades desse discurso. Amor e traição são temáticas frequentes, e a sátira a essas concepções proporciona um questionamento ao regime de verdade, que dá esse *status* de importância aos relacionamentos amorosos.

Uma vez expostos os conceitos de discurso, formação discursiva e prática discursiva, para dar prosseguimento ao trabalho de análise, é imperativo compreender como um sujeito se posiciona nessa conjuntura. Partindo do princípio que, segundo Foucault (2014, p. 63):

> As posições do sujeito se definem igualmente pela situação que lhe é possível ocupar em relação aos diversos domínios ou grupos de objetos: ele é sujeito que questiona, segundo uma certa grade de interrogações explícitas ou não, e que ouve, segundo um certo programa de informação.

Nesse contexto, os lugares ocupados pelo sujeito, aqui chamado de sujeito fragilizado, são dados segundo um dispositivo de poder-saber, que delimita as posições a serem assumidas. Dispositivo que, por sua vez, é atravessado por distintas instituições (igreja, família, estado etc.), assim, subjetivando o sujeito em determinadas práticas discursivas e exercícios de poder. Se o sujeito se reconhece e se deixa capturar por um discurso no qual é acordado que ele deve se enamorar de alguém, então, esse mesmo sujeito é levado a um conjunto de convenções e performatividades no campo das relações afetivas. Dentro desse jogo, o sujeito adquire a permissão para falar de amor, evidentemente, em um lugar de sofrimento.

Em relação ao chamado “dispositivo” para a Análise do Discurso, Carvalho e Sargentini (2017, p. 26), sob a égide da obra de Michel Foucault, definem o conceito como:

> um conjunto heterogêneo, formado por discursos, instituições, estruturas, organizações arquitetônicas, leis, enunciados, proposições filosóficas, o dito e não dito e a rede entre esses elementos. O dispositivo está sempre inscrito em um jogo de poder, ligado a uma ou mais configurações de saberes, dos quais ao mesmo tempo ele nasce e é por ele condicionado.

Assim, um dispositivo de poder-saber determina comportamentos, práticas, saberes, exerce um poder sobre sujeitos, fazendo com que uma ideia se torne verdade, como explica Veyne (2014, p. 167), “o que é tido como verdadeiro se faz obedecer”. Desse modo, enquanto sujeitos se relacionam afetivamente, há, ali, dispositivos de poder-saber, operando sobre as vidas, determinando como devem viver e qual

relacionamento ideal devem ter. Como assevera Foucault (2009, p. 231), “enquanto o sujeito humano é colocado em relações de produção e de significação, é igualmente colocado em relações de poder muito complexas”.

Nessa conjuntura, a forma de relacionamento ideal para o sujeito capturado pelos discursos presentes nos enunciados em questão não é mais a da formação discursiva cristã. E nesse jogo de poder, o sujeito que se reconhece no lugar de homem não tem mais o s*tatus* de dominante, uma vez que é dado ao sujeito “mulher” o poder de escolha pelo companheiro que tenha maior atratividade, ou, no caso da letra em questão, um poder financeiro (“O alemão de carro conversível, / Eu mexendo nos “fusível”, nem vi quando/ você me deixou”). Essa posição de macho dominante começa a ruir, e, agora, o sujeito se encontra na posição de enganado, fragilizado.

Ilustrados os apontamentos teóricos, o trabalho chega à parte de análise e descrição do *corpus*, levando em conta também o papel fundamental que o humor exerce no efeito de sentido desses enunciados. Logo, no tópico seguinte, é ilustrado como um sujeito pode, ao mesmo tempo, se inscrever no lugar de fragilizado e debochar dessa condição.

“Lá vem o alemão”: uma sátira à fragilidade dos relacionamentos modernos

A banda *Mamonas Assassinas* compõe *corpora* que permite análises de muitos discursos, desde críticas sociais endereçadas à classe política a questionamento sobre a normatização da sexualidade. Segundo Miquelutti (2016), o que, na década de 1990, era visto, pela crítica conservadora, apenas como um produto da indústria de besteirol, hoje, pode ser compreendido como uma reprodução crítica e humorada das verdades daquele tempo. Há, inclusive, enunciados povoados por posicionamentos de resistência, outros que confirmam uma inscrição em um dado regime de verdades. Esses aspectos ratificam a justificativa de olhar para as produções musicais desse conjunto através do aparato

teórico-metodológico da AD[4]. Trata-se de um grupo musical que teve carreira curta, e, com apenas um disco lançado em 1995, ganhou espaço e visibilidade no cenário musical brasileiro, na década de 1990, vendendo cifras altíssimas de discos e conquistando um público também variado, tanto infantil quanto adulto. As letras e as apresentações desse grupo foram marcadas pelo deboche, pelo humor e pela irreverência voltados aos diversos temas, que podem ser vistos nas canções presentes no disco e nas performances da banda.

“Lá vem o alemão” é a última faixa do álbum do grupo. Esse título é, na verdade, um enunciado já-dito, uma paródia de “Lá vem o negão”, do conjunto *Cravo e Canela*, um conjunto musical do gênero pagode, que teve algumas de suas canções tocadas em rádios na primeira metade da década de 1990. É possível notar que, nas composições de pagode, o dispositivo de poder-saber estabelecia um regime de verdade sobre as relações amorosas. É perceptível o funcionamento desse dispositivo, lançando um olhar sobre os comentários de Curtt (2010, p. 53), a respeito de regularidades de canções desse gênero.

> Um simples debruçar-se sobre as letras de pagode de grande destaque na mídia, nos primeiros anos da década de 1990, autoriza a observação da constância de “enredos” construídos a partir de relacionamentos “climatizados” eroticamente por meio de expressões ambíguas ou relacionamentos amorosos dramatizados pela perda, desentendimento, desconfiança ou desilusão.

As letras de pagode são majoritariamente ambíguas, e, ao serem transfiguradas pelo discurso humorístico, dado pelos *Mamonas Assassinas*, possibilitam o acesso a uma gama, ainda maior, de sentidos, haja vista que, de acordo com Possenti (2014, p. 61), “técnicas humorísticas fundamentais consistem em permitir a descoberta de outro sentido, de preferência inesperado, frequentemente distante daquele que é expresso em primeiro plano”. O efeito que se cria, além do humor, é o da desconstrução de uma verdade estável sobre os relacionamentos, ou seja, a traição não é o desfecho trágico, é o desfecho óbvio.

[4] Este texto é derivado da dissertação de Mestrado desenvolvida por Lima (2018), na qual se desenvolveu um estudo mais aprofundado sobre a trajetória da banda, e, sobretudo, pelas análises discursivas de algumas letras explorada na pesquisa. Para maiores informações, consultar Lima (2018).

Nesse sentido, a problematização a respeito das condições de emergência dos enunciados em questão possibilita a percepção de discursos que se opõem à visão romantizada de amor, sendo que os enunciados são reproduzidos com o tom de deboche, e provocam humor ao invés de sentimentalismo e melancolia. Percebe-se, nos primeiros enunciados da letra, quando o sujeito se posiciona (“Só de pensar que nós dois éramos dois, / eu o feijão, você o arroz, temperados/ com Sazón”), uma sátira a um já-dito muito conhecido em discursos cristãos: “homem e mulher devem se tornar uma só carne[5]”, mas, nesse caso, há um recurso de ironia, pois “dois” são “dois”, e não “um”.

Ainda sobre esse enunciado, há um já-dito que remete a outro acontecimento discursivo: “Sazón”, um produto pronto para cozer, popular nos anos 1990, pela propaganda televisiva entoada pela canção “é o amor”, composição que alavancou a carreira da dupla sertaneja Zezé di Camargo e Luciano. Logo, a marca *sázon* passou a usar o *slogan* de “quem ama, usa”, o que a deixou conhecida como o “tempero de quem cozinha com amor”[6]. Entrando nessa discussão, a respeito das condições de existência de um enunciado, compreende-se, de acordo com Foucault (2014, p. 133), que:

> às coisas ditas, não pergunta o que escondem, o que nelas estava dito e o não dito que involuntariamente recobrem, a abundância de pensamentos, imagens ou fantasmas que as habilitam; mas, ao contrário, de que modo existem, o que significa para elas o fato de se terem manifestado, de terem deixado rastros e, talvez, de permanecerem para uma reutilização eventual; o que é para elas o fato de terem aparecido – e nenhuma outra em seu lugar.

Esse posicionamento permite a compreensão de o porquê do aparecimento do já-dito: “feijão” e “arroz”, alimentos conhecidos por formarem a base da refeição de muitos indivíduos no Brasil. Há enunciados, historicamente construídos, que dão a arroz e feijão o s*tatus* de “inseparáveis”, “dupla perfeita”. Nesse caso, como é concebido o amor na visão desse sujeito discursivo? Um amor discursivamente visto como perfeito, assim como arroz e feijão, mas que não foge à sua temporalidade-localidade, por isso

[5] Marcos 10, 6-8. Disponível em: https://www.bibliaonline.com.br/vc/mc/10/8+. Acesso em 24 jan. 2020.
[6] Disponível em: https://hmg.sazon.com.br/timeline. Acesso em 24 de jan. 2020.

“temperado com sazón”, um produto moderno, criado para a gastronomia da década de 1990.

Os enunciados seguintes ilustram, com mais veemência, a temporalidade-localidade desses discursos: “Só de lembrar nós na Kombi no Domingo/ nosso amor era tão lindo, nós descíamos/ pro Boqueirão/A Kombi quebrada lá na praia, e você/ de minissaia”. Esses posicionamentos denunciam a camada social em que esse sujeito se inscreve, pois, como afirma Foucault (2014, p. 63), “as posições do sujeito se definem igualmente pela situação que lhe é possível ocupar em relação aos diversos domínios ou grupos de objetos”; o veículo “Kombi”, na década de 1990, era um veículo muito utilizado por camadas sociais menos abastadas, e a praia do “Boqueirão”, um destino de lazer muito comum para grupos pertencentes a essas camadas. É importante observar que o sujeito expõe claramente a que classe social pertence, o que leva à leitura de que esse fator é peça estrutural na composição dessa relação afetiva.

Com esse primeiro olhar, já é possível ver um discurso romântico sentimentalista, que aceita a existência de um amor perfeito, um discurso consumista, uma vez que condiciona a capacidade do sujeito de ser feliz no amor à sua capacidade de compra. Agora, percebe-se também um discurso machista: “e você/ de minissaia/ dando bola para um alemão”. O sujeito prevê o fim da relação, mas o seu posicionamento expõe que a mulher não é seduzida, é ela quem “dá bola” para o alemão, usando uma minissaia, explorando sua sensualidade. Por sua vez, ao apresentar o rival como “alemão”, o sujeito evidencia a diferença de classes. Há uma rede de enunciados que coloca brasileiros em oposição a estrangeiros, em que um regime de verdade dá ao brasileiro o lugar de pobre, e aos europeus, aos norte-americanos, o lugar de ricos, bonitos e superiores.

Assim, o desfecho confirma esse posicionamento discursivo: “O alemão de carro conversível, / eu mexendo nos ‘fusível’, nem vi quando/ você me deixou”. O sujeito expõe, de forma irônica, a diferença entre ele e seu rival. Um possui um “carro conversível”, enquanto outro mexe “nos fusível”, tentando consertar seu veículo. O sarcasmo, nesse caso, promove o encontro entre dois discursos, o romântico e o consumista. Um diz que tudo é perfeito, o outro reitera que tudo deve ser comprado. Qual prevalece como verdade para esse sujeito? Quem vence a disputa?

Os enunciados cantados no refrão respondem a essa pergunta: “Subiu a serra me deixou no Boqueirão, / arrombou meu coração depois/ desapareceu”. Inicialmente, aventa-se um posicionamento puramente melancólico, mas é a quebra de expectativa, na sequência, que provoca o humor: “Fiquei na merda nas areias do destino/ Me tratou como um suíno, cuspiu no/ prato que comeu”. Não apenas o trocadilho de ficar sozinho nas “areias” da praia com “areias” do destino, mas esses enunciados desconstroem a ideia de que exista um amor perfeito, e, até mesmo, de que as desilusões amorosas devam ser cantadas em tom de lamentação e arrependimento.

Na conjuntura em que se dá “lá vem o alemão”, o sujeito fragilizado despreza sua condição, responsabiliza a sua falta de recursos financeiros por seu infortúnio na vida amorosa, e ainda deixa visível uma posição machista, “cuspiu no prato que comeu”. “Cuspir no prato que come” é um dito popular usado para se referir a pessoas ingratas. Sendo assim, que tipo de gratidão a companheira desse sujeito manteria por conta de alguma regra anônima compelida?

Dando continuidade a essa discussão, se a letra da canção aborda o fim de uma relação amorosa, logo, os sujeitos ali envolvidos mantinham algum tipo de relação afetiva, no caso, amantes ou namorados. Como já foi dito, uma relação amorosa consiste em uma prática discursiva marcada por relações de poder. O tipo de relacionamento que, possivelmente, os dois possuíam não determinava que um fosse o dominante e o outro o submisso, pois ambos estavam em condição de igualdade, tal como “feijão e arroz”. Em consonância com tais apontamentos, é possível depreender, a partir de Foucault (2009), que toda relação exige que, ora um sujeito exerça poder, ora seja controlado por esse. Todavia, existem lugares pré-estabelecidos, como a obediência do empregado na relação com o patrão, a autoridade do patrão em sua relação com o empregado, a gratidão dos fiéis em sua relação para com Deus, e a possível misericórdia de Deus em sua relação para com os fiéis.

Então, de que ingratidão esse sujeito fala? Historicamente, o discurso cristão estabelece que homem e mulher devam se tornar um só, mas a mulher deve ser submissa ao homem[7]. Esse já-dito foi absorvido e reproduzido por muitas formações discursivas, nelas, se amparando o discurso machista, que reproduz a ideia de que o

[7] Efésios 5, 22-23. Disponível em: https://www.bibliaonline.com.br/vc/ef/5. Acesso em 24 jan. 2020.

homem é superior à mulher. Partindo para o campo das relações de poder, torna-se visível que, nesse acontecimento discursivo, é retirado do sujeito homem o seu lugar de dominância, o sujeito “mulher” o maltrata, “me tratou com um suíno”. Ao primeiro, é dado o lugar de fragilidade, antes ocupado pelo segundo. Ainda que esse novo lugar do sujeito “mulher” não seja totalmente de dominância, se antes era vista como frágil, agora, é como infiel.

Os enunciados que dão sequência à letra da música demonstram o quão frágil é essa concepção pré-construída de amor. Anteriormente um amor idealizado, “feijão e arroz”, neste momento, fazendo emergir comparações irônicas: “O amor é uma faca de dois legumes, /a luz anal de um vagalume que ilumina/ o meu sofrer”. Esses enunciados ilustram um sarcasmo às regularidades de canções românticas, que falam de sofrimento, desilusão, perda e saudade, “eu ainda sinto o seu perfume, um/ cheirinho de estrume/ não tá fácil de te esquecer”. Percebe-se, ainda, um posicionamento irônico a regularidades discursivas do gênero “pagode”, cujas letras da época, frequentemente, falavam da dificuldade do sujeito em esquecer um amor. Esta letra do Grupo *Raça Negra* é exemplo:

> Eu pensei que fosse fácil te esquecer
> [...]
> E agora o que é que eu faço sem você
> Minha vida não é nada sem você
>
> Estou mal
> Vem me ajudar
> Preciso de você
> Estou cansado de sofrer
> Estou com medo de não aguentar
> Estou perdendo a razão de viver
>
> Estou pedindo pra você voltar pra mim
> Não dá mais pra continuar vivendo assim
> Eu preciso de você, do seu amor
> Eu te amo e te quero só pra mim[8]

[8] RAÇA NEGRA. *Estou mal*. Disponível em: https://www.letras.mus.br/raca-negra/83930/. Acesso em 24 jan. 2020.

Letras tais como a supracitada mantinham certa regularidade e exploravam determinados temas, tais como perda, lamentação e súplica para reatar o relacionamento. No entanto, a composição dos *Mamonas Assassinas*, trazida à análise, quebra essa sequência, quando o sujeito afirma que “Toda vez que eu lembro e você/ me dá vontade de bater, te espancar, ó/ meu amor”; apesar de trazer um tom aparentemente agressivo, o efeito que se constrói é o do humor, justamente por quebrar a expectativa de súplica, e, mais uma vez, há confirmação de discurso machista. E os enunciados finais de “lá vem o alemão” confirmam o posicionamento e a condição fragilizada do sujeito, “só porque ele é lindo, loiro e forte/ tem dinheiro e um Escort/ como Modess, você me trocou”.

Ou seja, o fim do relacionamento, segundo o sujeito fragilizado, não se deu por causa de sua inadequação como parceiro, mas por sua incapacidade financeira. O discurso consumista concede ao indivíduo com um carro *Escort* uma posição de vantagem. Por sua vez, a comparação com um *modess* fortalece a inscrição nesse discurso consumista, dado que, segundo o posicionamento do sujeito fragilizado, seu poder de sucesso, em uma relação afetiva, está ligado ao seu poder de compra. Sendo assim, a sua capacidade tem a equivalência de um item descartável, enquanto seu adversário possui um carro caro para os padrões da época.

Além disso, as características de “lindo, loiro e forte”, nesse contexto, são adjetivos historicamente atribuídos a classes abastadas. Nessa perspectiva, questiona-se: se o “alemão” é colocado em oposição ao brasileiro e possui essas características discursivamente desejáveis, o que resta ao brasileiro? Ser “deixado na praia” e “tratado como um suíno”.

Essa letra questiona alguns regimes verdades: a verdade sobre a concepção ideal de amor, sobre a estabilidade das relações amorosas. No entanto, também torna visível outro regime de verdade, como a interferência do consumismo nos relacionamentos. Nesse ponto, é visível, até mesmo, uma relação direta com a diferença entre classes, uma vez que, no jogo de poder, foi o sujeito pertencente à classe abastada quem ficou com a mulher. É preciso lembrar, entretanto, que, de acordo com Foucault (2009, p. 240), o poder não funciona apenas em macro esferas com classes ou instituições.

> o ‘poder’ que analisamos aqui, é que ele coloca em jogo de relações entre indivíduos (ou entre grupos). Pois não devemos nos enganar: se falamos do poder das leis, das instituições ou das ideologias, se falamos de estruturas ou de mecanismos de poder, é apenas na medida em que supomos que ‘alguns’ exercem um poder sobre os outros. O termo ‘poder’, designa relações entre ‘parceiros’ (entendendo-se por isto não um sistema de jogo, mas apenas – e permanecendo, por enquanto, na maior generalidade – um conjunto de ações que se induzem e se respondem umas às outras).

Dentro de relações afetivas, há exercício de poder, ambos os sujeitos possuem a capacidade de fazer o outro sofrer, mas aquele que usa melhor das estratégias de controle-saber é que domina o jogo. Por isso, opta-se por chamar o sujeito que fala em “lá vem alemão” de sujeito fragilizado, pois os posicionamentos discursivos presentes nos enunciados analisados evidenciam um indivíduo que foi derrotado em uma das relações de força implicadas nessa prática discursiva conhecida como relacionamento amoroso.

Considerações finais

As relações amorosas continuam sendo um dos principais eixos temáticos para produções artísticas, seja na música, no cinema, por fim, há uma infinidade de gêneros discursivos pelos quais se nota que esse é ainda um assunto que instiga muito a humanidade. O humor serve de recurso para dizer aquilo que, em uma determinada ordem, um dispositivo não permite. Ou seja, um dispositivo de poder-saber não permite que se desconstrua um regime de verdade por dentro, pelo menos, não em uma conjuntura em que o amor é dado como uma verdade inquestionável, levando todos os sujeitos a buscá-la.

A partir da segunda metade século XX, os sujeitos não querem ser apenas bem sucedidos, eles querem ou são levados a desejar serem amados. É dada ao amor essa capacidade de colocar o sujeito no lugar de desejante. Esse discurso adquire tanta força que o ato de buscar um companheiro ou companheira não é mais escolha, é imperativo que todo sujeito o faça. E, no que tange aos dispositivos de controle, as canções que falam de amores mal sucedidos servem também a esse propósito, uma estratégia

discursiva que funciona como uma advertência a sujeitos aventureiros em buscar relacionamentos fora dos padrões cristãos já estabelecidos.

Acontece que até mesmo esse regime de verdade cristão é atravessado por outros discursos ao longo do tempo, tanto que a verdade consumista passa a prevalecer sobre a verdade pastoral. Se, antes, um sujeito não deveria desviar da virtude para não sofrer, em outro momento, ele não deve fugir da realidade consumista para não ser trocado por um oponente melhor.

Mas é importante ter em vista que o sujeito acredita no amor, e não é fácil abalar as estruturas que o mantém seguro como uma verdade. Esse poder é imputado ao humor e à sua condição de desestruturar, por meio da ironia, uma verdade pautada em um discurso quase inabalável. Discursivamente falando, as relações afetivas não são apenas fenômenos ligados à sobrevivência da espécie, são, igualmente, práticas discursivas dadas, segundo um conjunto de normas de uma dada época, cuja construção se efetiva no e pelos discursos que fabricam formas de amar e de viver numa dada racionalidade histórica. Elas servem a interesses de todos os sujeitos envolvidos, de modo que, se um indivíduo percebe maior vantagem em abandonar a relação, ele, facilmente, o faz. Como exposto em “lá vem o alemão”, esse critério de julgamento está fortemente ligado ao poder de compra.

E ambos envolvidos nessa prática discursiva estão envoltos em uma relação de poder, de modo que até o sofrimento passa a ser, na ordem do discurso, uma característica específica de quem ama. Somente aqueles que se permitiram entrar em uma relação afetiva estão autorizados a sofrer e a falar do amor. Seguindo essa linha pensamento, quem estaria autorizado a rir do amor? Somente um sujeito que se inscreve nesse local, que vê o amor como um discurso de verdade, mas também, por meio do deboche, que ele intente questionar o quão verdadeiro esse discurso pode ser.

Referências

BÍBLIA SAGRADA. Marcos 10, 6-8. Disponível em: https://www.bibliaonline.com.br/vc/mc/10/8+. Acesso em 24 jan. de 2020.

LIMA, Maurício Divino do Nascimento. FERNANDES JÚNIOR, Antônio. “Como modess você me trocou”: posicionamento discursivo de sujeito fragilizado em uma composição da banda Mamonas Assassinas. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p. 130-146, 2020. (ISSN: 2317-1006 - online).

BÍBLIA SAGRADA. Efésios 5, 22-23. Disponível em: https://www.bibliaonline.com.br/vc/ef/5. Acesso em 24 jan. 2020.

CARVALHO, Pedro Henrique Varoni de; SARGENTINI, Vanice Maria Oliveira. Dispositivo, discurso e produção de subjetividades. In FERNANDES JÚNIOR, Antônio; SOUSA, Kátia Menezes de (Orgs.). *Dispositivos de poder em Foucault***:** práticas e discursos da atualidade. 2ª ed. Catalão: Editora Letras do Cerrado, 2017.

CURTT, Rogério Tadeu. (*et al*). *Mamonas Assassinas*: a consciência no caos. Uberlândia/MG: Editora dos autores, 2010.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber.* Tradução de Luiz Felipe Neves. 8ª Ed. Rio de Janeiro/RJ: Editora Forense Universitária, 2014.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso:* aula inaugural no *Collége de France,* pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014a.

FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o Poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul (Orgs.). *Michel Foucault:* Uma Trajetória Filosófica – para além do estruturalismo e da hermenêutica. Trad. Vera Porto Carrero. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p. 229-249.

LIMA, Maurício Divino. “*Loucura, insensatez, estado inevitável”*: discurso, humor e irpnia em Mamonas Assassinas. (Mestrado), Universidade Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Catalão, 2018. Disponível em: https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/9148/5/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20-%20Maur%c3%adcio%20Divino%20Nascimento%20Lima%20-%202018.pdf Acesso 20 dez. 2019.

MAMONAS ASSASSINAS. *Lá vem o alemão*. Disponível em: https://www.letras.mus.br/mamonas-assassinas/24147/. Acesso em 22 jan. 2020.

MAMONAS ASSASSINAS. São Paulo/SP: EMI Music, 1995. 1 CD (36 min 12 s).

MIQUELUTTI, Guilherme. *Curta musical*. 20 anos da morte dos Mamonas Assassinas. Brasília/DF: Rádio Senado, 02 de março, 2016. Programa de rádio. Disponível em: <http://www12.senado.leg.br/radio/1/curta-musical/20-anos-da-morte-dos-mamonasassassinas>. Acesso em 03 mar. 2016.

POSSENTI, Sírio. *Humor, língua e discurso.* São Paulo/SP: Contexto, 2014.

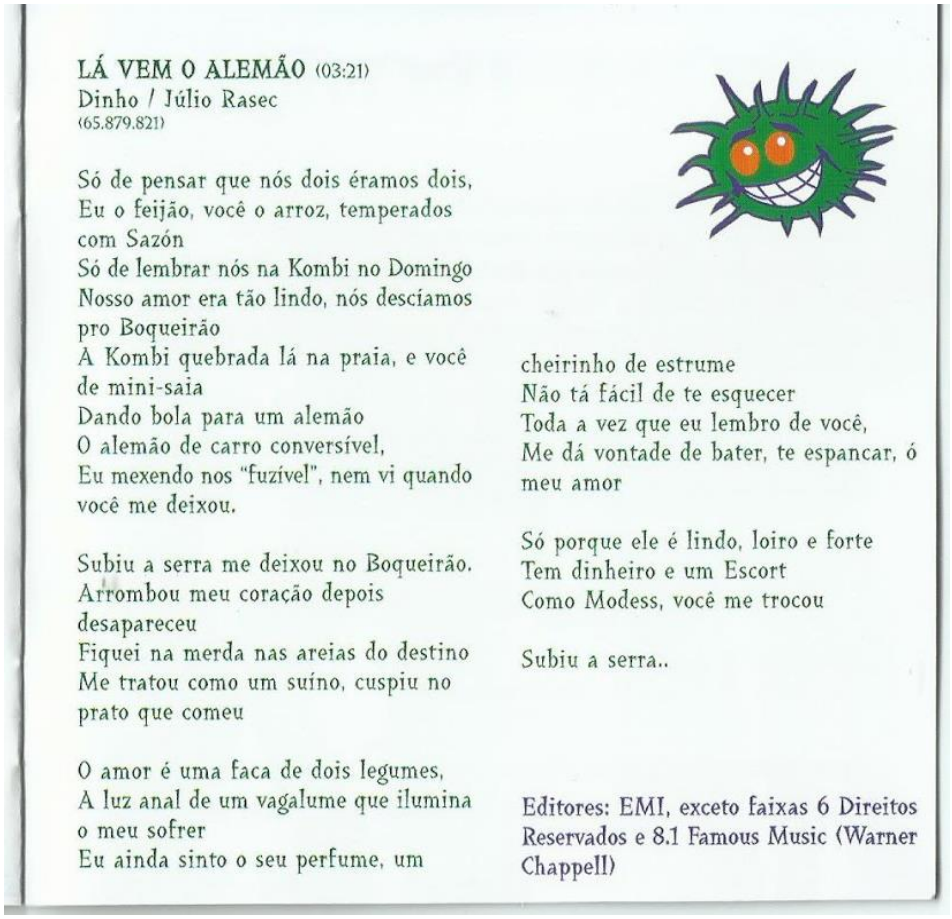
RAÇA NEGRA. *Estou mal*. Disponível em: https://www.letras.mus.br/raca-negra/83930/. Acesso em 24 jan. 2020.

LIMA, Maurício Divino do Nascimento. FERNANDES JÚNIOR, Antônio. “Como modess você me trocou”: posicionamento discursivo de sujeito fragilizado em uma composição da banda Mamonas Assassinas. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p. 130-146, 2020. (ISSN: 2317-1006 - online).

SAZÓN: *Uma história de amor.* Disponível em: https://hmg.sazon.com.br/timeline. Acesso em 24 jan. 2020.

VEYNE, Paul. *Foucault:* Seu pensamento, sua pessoa. Tradução de Marcelo Jacques Morais. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

Anexo



LÁ VEM O ALEMÃO (03:21)
Dinho / Júlio Rasec
(65.879.821)

Só de pensar que nós dois éramos dois,
Eu o feijão, você o arroz, temperados com Sazón
Só de lembrar nós na Kombi no Domingo
Nosso amor era tão lindo, nós desciamos pro Boqueirão
A Kombi quebrada lá na praia, e você de mini-saia
Dando bola para um alemão
O alemão de carro conversível,
Eu mexendo nos "fuzível", nem vi quando você me deixou.

Subiu a serra me deixou no Boqueirão.
Arrombou meu coração depois desapareceu
Fiquei na merda nas areias do destino
Me tratou como um suíno, cuspiu no prato que comeu

O amor é uma faca de dois legumes,
A luz anal de um vagalume que ilumina o meu sofrer
Eu ainda sinto o seu perfume, um cheirinho de estrume
Não tá fácil de te esquecer
Toda a vez que eu lembro de você,
Me dá vontade de bater, te espancar, ó meu amor

Só porque ele é lindo, loiro e forte
Tem dinheiro e um Escort
Como Modess, você me trocou

Subiu a serra..

Editores: EMI, exceto faixas 6 Direitos Reservados e 8.1 Famous Music (Warner Chappell)

Recebido em janeiro de 2020.
Aprovado em março de 2020.